

(Re)conhecer a si mesma: a escrita como lugar de reconhecimento n“A viagem inútil” de Camila Sosa Villada¹

Vanessa Cardozo Brandão
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

A partir da reflexão dos relatos de si, pela implicação comunicacional e o fundamento ético do vínculo “eu-tu” da cena de interpelação de Butler (2015), esse trabalho se propõe a apontar modos como a escrita se converte em lugar de construção de reconhecimento para sujeitas e sujeitos dissidentes. O trabalho de análise busca mostrar como a escrita – tanto enquanto operação/ação, quanto em seu corpo/matéria – pode efetivar a articulação entre estética e política. Embora tal gesto possa ser visto em diversas produções contemporâneas, o trabalho se limita ao corpus de um livro da argentina Camila Sosa Villada, *A viagem inútil: trans/escrita* (2024), produtivo por articular elementos biográficos à reflexão sobre o papel comunicacional e *transacional* da escrita para corpos dissidentes, ao agir *entre* o auto reconhecimento do “eu” e a possibilidade de reconhecimento pelo “tu”.

Palavras-chave

Relato de si; Cena de interpelação; transescrita; reconhecimento e estética.

Apresentação: O relato de si e a interpelação por reconhecimento na literatura contemporânea

Em Judith Butler, a questão de como (e o que) constitui um relato de si aparece, desde o princípio, colocada em termos da constituição de uma cena de interpelação. A noção é, portanto, fundamental para a compreensão dos argumentos em “Relatar a si mesmo” (2015), sobre o posicionamento ético de um/uma sujeito/sujeita que é, antes de mais nada, o posicionamento de “si” diante de um “para ti”, ou seja, uma resposta à demanda ética da alteridade de um tu a quem o *self* precisa responder. Tal é a demanda ética: uma questão de inter-relação, que deriva de um posicionamento comunicacional do eu diante do outro-tu.

A questão parece evocar o problema levantado por Émile Benveniste em “problemas da linguística geral” (1988), da constituição da subjetividade pela linguagem como uma construção fundada na estrutura dual/dialogal: não se pode conceber um sujeito em si autônomo, pois ele passa a existir na relação de enunciação, entre um eu e um tu, o que implica em colocar a cena enunciativa como uma condição para a construção

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

de um eu (e um “me”, “meu”, “mim”), apenas estabelecido quando colocado em ação performada na linguagem pela sua dimensão intersubjetiva fundante. Um relato de si deve ser concebido na condição de uma cena de interpelação, no vínculo estabelecido pela alteridade.

A partir de Adorno, Butler parte da colocação do problema do eu e da filosofia moral como não “universal”, apresentando a partir de um quadro não-essencialista, mas em termos da própria formulação do problema como parte de um contexto, ou seja, um quadro social e histórico. A filósofa coloca sua intenção de situar o problema moral “questão que tem a ver com a conduta, portanto, com o fazer” (2015, p. 13), a partir de um referencial contemporâneo. Tal perspectiva, quando articulada ao contexto de produções artísticas vinculadas às demandas por reconhecimento de sujeitas e sujeitos dissidentes, nos parece particularmente produtiva, por ser nos permitir perceber na conduta do fazer de diferentes modalidades artísticas contemporâneas um campo rico de experimentações com a linguagem que surgem da aliança entre expressões estéticas e demandas políticas.

Nos termos da fundamentação de Butler, partindo do Problema de Filosofia Moral de Adorno, não é a universalidade abstrata o preceito fundante para o debate democrático, a partir do qual toda tensão entre ethos individual e ethos coletivo condiciona a formação do problema da conduta moral: ao contrário, como pré-condição, tal universalidade é com frequência a fonte da violência ética. Se nenhum “eu” surge sozinho/autônomo, ou seja, descolado das condições sociais e da matriz de normas éticas que o precede, isso implica que o “eu” que se apropria da moral para dar um relato de si mesmo, surge aqui a primeira menção à noção de “desposseção”:

Até certo ponto, as condições sociais de seu surgimento sempre desapossam o “eu”. Essa desposseção não significa que tenhamos perdido o fundamento subjetivo da ética. Ao contrário, ela pode bem ser a condição do surgimento da própria moral. (Butler, 2015, p. 18–19, grifo nosso)

Ou seja, parece que a argumentação inicial de Butler sobre a qual será colocada toda a questão da deliberação ética que surge mediante sua demanda de relatar a si mesmo (diante do outro), se sustenta exatamente ao tensionar para além do limite a noção adorniana de que qualquer problema moral é situado: tanto no quadro temporal sobre o qual se formulam questões sobre a norma de conduta humana, quanto no quadro social

(localizado) das normas morais a partir das quais o “eu” irá deliberar sua ação. E é diante de sua colocação imediata, do “eu” condicionado pelo quadro da norma e despossuído de si, é que ele precisa deliberar sobre uma conduta ética individualizada diante do outro e, para isso, agir com uma posição crítica, posicionando-se diante do quadro da norma. A despossessão é a origem, é a tensão que move, por assim dizer, qualquer deliberação da conduta ética do eu diante do mundo.

Assim, o quadro contemporâneo de expressões literárias parece ter sido ampliado suas fronteiras em vários sentidos: tanto na perspectiva dos lugares sociais de onde vem o “autor” (com o sujeito tradicionalmente masculino e de origem intelectual) quanto nas formas literárias, na revisão de categorias rígidas de gênero literário. Há um florescimento de outras literaturas, vindas de sujeitos em sua afirmação da diferença e das reivindicações de reconhecimento: mulheres, negros, sujeitas e sujeitos dissidentes de normas de gênero e sexualidade, representantes de classe sociais populares – para dizer alguns dos deslocamentos de vozes que a literatura contemporânea tem operado, na aliança entre atuação política e estética.

Neste contexto, há um vasto campo de escritas² literárias que emergem e se tornam notáveis no contexto de circulação do campo literário: Annie Ernaux e Édouard Louis são representantes deste movimento em contexto global, tendo sido traduzidos e alcançando circulação mundial. Suas reivindicações políticas de classe, gênero e sexualidade acontecem através de uma escrita que rearranja os próprios limites do literário, ao trabalharem com o recurso às próprias biografias e fazerem uma invenção de si, no território da não-ficção.

Trazendo tal movimento para o contexto latino americano, este artigo elege o trabalho da atriz e escritora argentina Camila Sosa Villada, que parece se situar na paisagem literária contemporânea de modo igualmente bem-sucedido (na perspectiva do mercado editorial, tendo sido traduzida para vários idiomas), a partir de um lugar de

² Aqui, evocamos o conceito de escrita e não de narrativa, retomando a oposição que Butler faz entre ambos. O relato de si como forma dialógica, aberta à interpelação do outro e que surge da despossessão de, em contraposição à narrativa como uma forma unificada, ordenada para produzir um sentido. A dimensão de Butler de relato de si pode ser relacionada à noção de escrita como matéria, corpo que sinaliza o resultado expressivo da ação deliberada de um sujeito que deseja não apenas se entender como tal, mas sobretudo que empreende a constituição de si mesmo na própria busca, situando-se diante dos condicionamentos do mundo. Tal perspectiva vai ao encontro de outros importantes autores no estudo da literatura, que veem nela um campo de ação, como espaço privilegiado de exercício da linguagem no questionamento dos poderes de assujeitamento, como a noção de políticas da escrita de Jacques Rancière (2010), ou a de escritura de Roland Barthes (1998) parecem trazer.

construção da voz autoral tão outro: o das margens do mundo, da América Latina. Tal como formulado em Ricardo Piglia, falar desde a Argentina é falar desde o “subúrbio do mundo” (Uma proposta para o próximo milênio, 2015) e Camila Sosa Villada o faz a partir da margem da margem: fala desde um país latino-americano, nos limites de uma identidade travesti, possivelmente a mais marginalizada no contexto das disputas de gênero e sexualidade.

Embora Camila já tenha uma obra de alcance, com a publicação de livros de ficção de sucesso, o corpus eleito para este artigo é o de seu livro ensaio autobiográfico “A viagem inútil” (2024), que parece trazer muitas considerações da escritora sobre as várias violências da desposseção sofridas por ela desde a infância, em função da sua identidade de gênero e da sexualidade desde cedo tomada como desviante, tanto quanto colocar em ação na escrita um outro tipo de desposseção que implica na redefinição de si pela linguagem literária: uma invenção de um lugar para seu corpo e uma força expressiva para sua voz na literatura.

Ainda que mais nada disso faz sentido, quando esqueço das pessoas que me feriram, quando as agressões já não têm mais rostos que as executem, é preciso contar essa aventura, para que seja conhecida. Estou na parte da história na qual nós travestis recuperamos nossa voz, e é necessário usar essa voz. Voltar a usá-la. Contar o preço que deram à minha liberdade e ao meu desejo e que eu paguei com o que tinha em mãos: meu corpo. (VILLADA, 204, p. 31)

A responsabilidade de usar a própria voz é, em Villada, uma força de interpelação ética ao outro. Tal como formulado por Butler, para dar um relato de si, o eu - desapossado de si mesmo - deve se posicionar, ainda que condicionado pela norma que o faz agir em seu nome, diante da responsabilidade ética pelo outro a qual deve corresponder, em sua conduta. Tal posicionamento não acontece diante da norma coletiva, universalizada, abstrata e generalizada: acontece de modo particular, singular.

A interpelação ética ao tu (pessoa leitora) na literatura

É exatamente na tensão entre a normal universal que precede e condiciona, desapossa o eu, e sua necessidade de deliberar sobre a ação moral, que está a possibilidade de uma ação ética. A condição para o questionamento moral está na própria divergência entre o universal da norma (abstrato) e a singularidade da ação individual ética, como Butler formula a partir de sua leitura de Adorno.

Mas ao retomar tal debate através da noção de desposseção de si, Butler parece apontar para uma questão: sendo constitutivamente despossuído de si pelo quadro das normas, seria o sujeito imbuído, na sua própria constituição subjetiva, de uma violência ética originária de sua formação? Antes de responder a esta questão, Butler entra com a questão da cena de interpelação, ao que parece, apresentada como a mediadora da relação ética do eu com a norma. É através do vínculo não entre eu e norma, mas entre eu e tu – na cena de interpelação (assentada na dimensão da enunciação) é que Butler parece apontar para a dimensão ética da deliberação moral. A filósofa não responde à formação da moral como formulada em termos de uma entidade representativa da justiça, do juízo moral tendo como finalidade a punição (à moda de Nietzsche), mas à questão de um eu colocado diante de um tu - ainda que simbólico, ainda que imaginário - que me interpela.

É a partir do vínculo eu-tu da cena de interpelação que a questão ética materializa, corporifica, tanto a possibilidade da desposseção “negativa”, no sentido da violência inerente ao fato de apenas poder me posicionar a partir do quadro da norma, como no sentido de uma desposseção “positiva” em que eu reconheço minha *responsabilidade* de me situar em vínculo com o tu. Butler parece apontar que é diante de um tu - e não da abstração da norma - que a questão do relato de si se apresenta como uma questão ética, porque nesta cena é que o “eu” deve, na ação da crítica social, decidir qual posição adotar diante da norma pela interpelação não da norma, mas de um tu: assim, o eu pode converter a desposseção como um ato de violência em uma desposseção que o vincula a um outro, na deliberação ética. Se a violência está dada - pelo simples fato de estar diante da norma e agir a partir de seu horizonte -, ainda pode ser desincorporada, quando o “eu” se percebe interpelado por um tu e diante dele, precisa questionar a norma, não apenas para se colocar em outros termos, mas para oferecer um encontro na sua relação com o outro particular.

A partir deste quadro do relato de si em Butler, e das consequências éticas da sua formulação em uma cena de interpelação constitutiva, é que este trabalho parte do corpus da escrita do livro “A viagem inútil”, de Camila Sosa Villada, como uma escrita de fundamento estético comunicacional, em que a constituição de um “eu” da escrita travesti está diretamente relacionada a um “tu”, como sujeito a quem se endereça tanto o desejo de reconhecimento quanto a quem se oferece o reconhecimento, para além do quadro da norma. Neste sentido, a aventura da escrita autobiográfica da escritora acontece tanto na recuperação da memória, da infância, das imagens de pai e mãe, marcadas pelas dificuldades de reconhecimento na família e na sociedade (demarcados pela violência que

sofre, como sujeita dissidente da norma de gênero e sexualidade), quanto na criação de um lugar para si, dentro da escrita, que também é o mundo.

Desde o relato de as primeiras palavras lidas e escritas, imagens de vínculo da escritora quando ainda era um menino que aprendia a riscar o próprio nome nas páginas de um caderno com o estímulo do pai, o exercício de escrever a si parece atravessado pelo desejo de reconhecimento de si através do olhar do outro: “Uma lembrança muito antiga. A primeira coisa que escrevo na vida é meu nome de homem. Aprendo uma pequena parte de mim.” (Villada, 2024, p. 5)

A escrita aparece como uma ação, uma produção de si, estimulada pelo olhar do pai que, posteriormente, parecerá condenar a escrita exatamente por ser a expressão de um gesto: o de “criar a si”, pela escrita.

Me ensinar a escrever é o gesto de amor que meu pai me oferece.
Quando eu antecipava uma resposta ou o surpreendia com meus avanços na escrita, ele dava pulos de alegria. Nesse instante tenho quatro anos para sempre. (Villada, 2024, p. 5)

Há uma dualidade da escrita: herdada pelo pai, é parte de uma norma (a que escreve seu nome masculino), e também é a escrita que se tornará prática de liberdade, de busca da produção de si, o que assinala a própria duplicidade da desposseção butleriana: “A escrita nasce desse momento. O desejo de escrever constata que sou fértil, que sou uma fêmea viável para incubação, ele põe seus ovos e eu os carrego dentro de mim como uma mãe”. (Villada, 2024, p. 6) A imagem da fertilização da escrita, do pai que insemina na filha escritora os ovos da palavra (quando ainda se apresentava como filho, na infância), se apresenta como a expressão da dualidade da desposseção tal como elaborada por Butler. Escrever o nome masculino para a criança menino é, simultaneamente, o gesto de violência da norma que captura a identidade sexuada, mas ainda o vínculo de afeto com o pai e com a palavra, ou com a palavra através do amor partilhado com o pai. A fertilização da palavra no corpo e na mente de um menino, mas um corpo travesti que já está acolhe em si a escrita com seus ovos que passará a escritora passará a carregar “dentro de mim como uma mãe”.

Diante de uma palavra, ou de muitas, não importa, há um tempo em que nada acontece. Fica-se paralisada diante de uma ideia escrita e essa ideia, apesar de ser escrita, não faz sentido. É um momento de grande intimidade, um tempo de meditação. O que está ali com um corpo,

ocupando espaço, já como parte do texto, busca nossa compreensão. Então é melhor permanecer nesse lugar em que não se pode corrigir, nem melhorar, nem limpar, nem dividir, mas tampouco é possível apagar a frase sem sentido que precisa ser reescrita. Volta-se a escrever e se libera uma parte do significado e volta-se a escrever ou reescrever, a frase é riscada e se escreve por cima dela e o sentido, como um espírito, enfim se manifesta, anuncia-se com duas batidas para dizer sim, uma batida para dizer não. Ah, o momento em que a escritora se encontra com o que nasceu dessa língua que aparentemente ignoramos. O sentido do incompreensível é órfão. A gente se entrega a essa perda só para não pensar em nada. (VILLADA, 2024, p. 38)

A escrita materializa o relato de cenas violentas da perda de si na desposseção diante da norma, na exposição da vulnerabilidade da escritora quando ainda menino ou adolescente em diversos momentos do livro. Mas como visto pelo trecho anterior, a escrita é também perda e desposseção voluntária: entrega a um exercício de orfandade operado pela escritora para que possa reinventar-se, em confronto com o quadro da norma.

E, acima de tudo, é a perda de noção de si mesma, a mudança de pele, a juventude perdida da nossa escrita. A escrita anulando a escrita. A escrita parecendo comprovantes de pagamento, planilhas preenchidas por alguém que não nos conhece. A escrita como inimiga de si mesma, mas também de nós, as escritoras, que somos, afinal, a escrita. (Villada, 2024, p. 39)

Villada parece manifestar reiteradamente a desposseção de si – seja na sua destituição de “filho” no passado, até a renúncia a uma “autoridade narrativa de si - através do corpo da escrita. Assim, se a partir de Butler a desposseção é condição necessária em qualquer relato de si, uma consequência é que o “eu” não tem condições de dar um relato completo, ao modelo de uma narrativa. Isso porque se não tenho o conhecimento das condições anteriores a min, à minha produção como sujeito cognoscitivo, o que significa que não posso ser responsabilizado pela história de minha origem e dos quadros de condições do eu. Mas isso não significa dizer que não posso ser responsabilizado pelo outro e por minha ação sobre ele. Tal parece ser o quadro da natureza ética e do performativo na política que emerge do pensamento de Butler: relatar a si é responder à demanda da presença do outro, na cena de encontro com ele, oferecer a linguagem em sua direção, ainda que para isso só tenha a norma como quadro de referência. Portanto, pensar como me situo diante dela, revelando-me na exposição de uma vulnerabilidade que compartilho com o outro:

Com efeito, posso tentar dar uma forma narrativa a certas condições de meu surgimento, ou tentar, por assim dizer, contar uma história sobre quais significados a “exposição ao outro” pode ter tido para mim, como foi ser esse corpo emergente na esfera íntima ou pública, ou também contar uma história sobre as normas do discurso - quando ou onde eu as aprendi, o que pensei delas, quais foram imediatamente incorporadas e de que maneira. Nesse ponto, a história que conto, que pode inclusive ser necessária de algum modo, não pode assumir que seu referente tome adequadamente uma forma narrativa, uma vez que a exposição que busco narrar também é pré-condição de uma narração, uma faticidade, por assim dizer, que não admite forma narrativa. E se conto a história para um “tu”, esse outro está implícito não só como característica interna da narrativa, mas também como condição irredutivelmente exterior e trajetória do modo de interpelação. (Butler, 2015, p. 53)

Na escrita em forma de ensaio autobiográfico de “A viagem inútil”, relatar a si parece mais do que uma estética de si nos termos de Foucault. A escrita parece converter a exposição de sua vulnerabilidade em uma oferta de reconhecimento do eu escritora travesti para o outro:

E há também as razões da escrita pela própria escrita, que atua como algumas pulsões amorosas. Algo quase inexplicável. Esse ato pelo qual deixo de ser eu mesma e ao escrever ou amar sou um instrumento, um veículo, algo que transporta dentro de mim essa energia que deve ser manifestada, como a violência ou a felicidade. Mas não sou eu mesma. Não é parte de mim, porém me atravessa. Isso que o mundo precisa e que a gente deixa à disposição. Um motivo altruísta do que é escrito, em que já não cabe intervir pela razão, como no amor, em que alguém vira e fala: Tenho isto para te dar, é seu, tenho isto para te curar, é seu. Eu, nós, você, não importamos. Só importa o que acontece através de nós. E é uma vaidade à qual às vezes a pessoa não está disposta a renunciar. (Villada, 2024, p. 60-61, grifo nosso)

Ao relatar as violências sofridas em sua vida e sua vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que produz uma vulnerabilidade na sua escrita como oferta ao outro (pai, mãe como imagens do outro da pessoa, leitores como o outro da autora), a escrita de Camila Sosa Villada parece exemplar do movimento de responsabilidade ética sobre o outro que, em Butler, é possibilidade de invenção de si tanto quanto proposição de reconhecimento que se vincula ao tu, em um dispositivo comunicacional. É entre estes dois elementos, na própria ambivalência entre a desposseção de si violenta que sofre e a desposseção pratica pelo eu em sua deliberação na ação de escrever, é que Camila Sosa Villada faz da escrita uma trans/escrita. Trans/escrita como entre: nos atravessamentos entre eu e tu, a constituição de uma cena de interpelação que mobiliza a aliança intersubjetiva,

constituída em uma escrita de si orientada para a partilha da vulnerabilidade com o outro, que parece convocar a responsabilidade ética, estética e política de leitores.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Cultrix, 2007.

BENVENISTE, Émile. **Da subjetividade na linguagem**. In: Problemas de linguística geral I. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte; São Paulo: Autêntica Editora, 2015.

Piglia, Ricardo, **Una propuesta para el nuevo milenio**, *Margens/Márgenes*, n. 2. Belo Horizonte, Mar Del Plata, Buenos Aires, out. 2001

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita**. São Paulo: Editora 34, 2017.

Villada, Camila Sosa. **A viagem inútil**: trans/escrita. São Paulo: Fósforo, 2024.